



Histórico

ELE NÃO COMBINA COM VOCÊ: MÃE PRETA DE FILHO BRANCO

JAKELLINY ALMEIDA SANTOS *



Dia 28 de julho de 2017:

- Eu preciso falar com Januária, a mãe de Jorge! Pode avisar pra ela que é urgente?
- O que aconteceu?
- Somente com a mãe, por favor! Já tentei entrar em contato pelo telefone, mas não consegui falar com ela de jeito nenhum. Avisa pra ela que a tia Ana, do 2º ano, quer falar com ela.

A professora virou-se de costas, pronta para se retirar.

- Por que é urgente? Eu sou a mãe de Jorge, pode falar.

A professora voltou e olhou para a mãe de cima a baixo e, com um olhar de surpresa, aproximou-se de Jorginho e alisou o seu cabelo loiro com tons avermelhados, liso como seda, de corte cuia. Em seguida, o seu olhar reencontrou o olhar da mãe e prosseguiu:

- Eu não te conhecia, mãezinha...

Ambas ficaram em silêncio absoluto por alguns segundos. Januária, que foi buscar Jorginho mais cedo na escola, segurou a mão do filho, olhou fixo para a professora e respondeu.

- Ele estuda nesta escola há quase 2 anos e sempre sou eu quem trago e busco ele.
- Mas eu não lembrava de você, mãezinha. Eu sempre vejo que ele vem e vai de carro, mas hoje você está de bike — respondeu a professora olhando para a bicicleta da mãe que estava estacionada ao lado dela.
- Estou de bicicleta porque precisei vir mais cedo, o pai é quem dirige e ele está trabalhando. Eu te vi na reunião dos pais que teve no início das aulas, professora Ana. Fomos apresentadas, não lembra?
- Hum... É que são tantas mães... Eu posso ter esquecido.

O silêncio mais uma vez tomou conta do diálogo violento, do qual Januária tinha consciência que estava vivenciando, mas a professora Ana não enxergava dessa forma. Ela continuou:

- Ah! Certamente ele puxou ao pai. Porque não tem nadinha seu.
- Sim, de fato, ele é a cara do pai.
- Ah... Achei algo seu, mãezinha... Ele tem um pouquinho do seu nariz, olha... — comentou a professora rindo baixinho.

— O que você queria falar comigo? — respondeu a mãe impaciente com aquela conversa que ela já ouvia há quase 5 anos.

— Jorginho não está escrevendo as tarefas do quadro, mãezinha. Já tenho observado isso há algum tempo. Acho que ele tem algum probleminha de visão. Você pode levá-lo ao médico para verificarmos se é isso mesmo?

Dia 02 de agosto de 2017, antes da consulta com o oftalmologista:

- Você não precisa ir, neguinha.
- Claro que eu vou! Ele é meu filho. Eu faço questão!
- Ela já tinha uma consulta marcada com o mesmo médico e o menino também precisa. A gente já aproveita e faz uma viagem só.
- Mas eu queria...

* É uma mulher negra, de origem humilde, nascida em Aracaju (SE), em 1º de dezembro de 1996. Escreve narrativas (não) ficcionais que exploram as inquietações das experiências humanas, com especial atenção às vivências de mulheres negras nordestinas. Sua inspiração parte do cotidiano, espaço que tenciona temas como pertencimento, identidades, violências, silenciamentos e as subjetividades negras e de gênero em diferentes contextos sociais. É graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). É doutoranda e mestra em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFS)

— Por favor, neguinha, vamos evitar — disse João interrompendo Januária e dando-lhe um beijo ligeiro e afetuoso na testa. Em seguida, ela sentou-se em silêncio na poltrona da sala. Apesar de contrariada, ficou em casa aguardando notícias da consulta. João levou o menino acompanhado de Maria, sua ex-companheira, que insistira em ir junto sob o pretexto de ajudar.

Embora Maria não fosse a melhor companhia, levá-la era a maneira mais fácil de evitar desentendimentos. Januária era afetuosa e sabia lidar com os contratempos. Maria não: era mais agitada, agastada. Mesmo que Januária ficasse magoada por não estar presente em todos os momentos, ela era mais compreensiva, e ele saberia como acalmá-la. Já Maria transformaria os próximos dias num monólogo infernal. E ele, estressado, não teria cabeça para conviver com as duas ao mesmo tempo. Problema resolvido: “Januária fica em casa e depois ela se conforma; Maria vai comigo, evito confusão e escuto menos conversa-fiada”, ele pensou.

Na consulta com o oftalmologista:

— Bom dia!! Tudo bem, rapazinho?!

Acenou com a cabeça a criança enquanto tentava se esconder atrás das pernas do pai.

— O meu nome é doutor Marcolino e sou “médico de olho”. Vou examinar você, mas não se preocupe que não vai doer nadinha, tá?

— Doutor, a professora do meu filho disse que ele está com dificuldade para enxergar as letras do quadro. Por isso, estamos aqui.

— Vieram no lugar certo! Você é João, o pai, né isso?

— Isso mesmo! — respondeu o pai cumprimentando o médico com um aperto de mão.

— E você é Januária, a mãe.

— A mãe? — respondeu João surpreso com a afirmação inesperada do médico, mas antes que ele pudesse dizer algo mais, Maria confirmou a indagação do médico.

— Sim, sou a mãe de Jorginho.

— Mas é claro, essa criança linda é a sua cara, dona Januária.

João olhou para Maria com um gesto questionador da atitude dela. Jorginho, sem entender nada, olhou para o pai, mas antes que questionasse o pai deu dois tapinhas na perna direita fazendo com que a criança compreendesse que aquele não era o momento para ele falar.

— Quantos anos, rapazinho?

— 4 anos — respondeu a criança fazendo gesto com quatro dedos nas mãos.

— Quatro anos fechados, mamãe?

Maria não sabia a resposta exata, então tentou de alguma forma responder ao médico:

— Ah... quase 5... Quase 5, né, amor?

— Isso, quase 5 — confirmou o pai.

— Vamos examiná-lo, mamãe? Sente-se aqui, rapazinho.

Enquanto o médico examinava Jorginho, para quebrar o gelo, ele fez algumas perguntas:

— Você gosta de estudar, Jorge?

— Gosto.

— O que você mais gosta de estudar na escola?

— Artes... Artes e Educação Física.

— Olha só... Eu também gostava muito de Educação Física quando tinha a sua idade, mas era péssimo em Artes. Você desenha bem?

— A mamãe diz que sim. Eu gosto de desenhar.

— Bom, garoto!! As mamães sempre sabem de tudo! — comentou o médico. Em seguida, perguntou: — Mãe, ele passa muito tempo usando telas?

— Às vezes.

— Certeza?

Maria olhou para João esperando que ele desse uma resposta.

— Ele joga, doutor, às vezes, no celular da mãe e gosta bastante de assistir desenho na televisão, né, filho?

— Tem caso de miopia na família?

— Não... Nenhum, que eu saiba — respondeu o pai.

— Bom, temos um probleminha aqui. Quem passa mais tempo com ele em casa?

— A mãe — disse o pai fazendo referência à Januária, mas o médico associou à Maria. Afinal, naquele momento ela estava ocupando o papel de “mãe” da criança.

— Mãe, o seu filho está com a visão comprometida. Fale a verdade! Ele passa mais tempo na tela de o que deveria, né? Com esse questionamento em tom áspero do médico, Maria queria desistir da farsa e dizer que aquela criança não era dela, mas já era tarde demais e precisava seguir com o teatro.

— Veja bem, Januária, o uso excessivo de telas pode causar uma série de comprometimentos nos olhos. No caso do Jorge, ele desenvolveu miopia. Certamente, o que causou miopia no seu filho foi a exposição prolongada à luz azul dos aparelhos eletrônicos e isso provoca ressecamento ocular, cansaço e envelhecimento da retina.

— Meu Deus! — expressou-se Maria, levando uma das mãos à testa e fingindo espanto.

— O que a gente pode fazer, doutor? — perguntou o pai.

— Pra começar, corta ao máximo o uso de telas dele! Só quando realmente for necessário, porque criança não precisa ser dependente disso. Bota ele pra brincar, correr, fazer um esporte... Aproveita que ele gosta de Educação Física. Tenta distrair a mente dele ao máximo pra ele esquecer as telas. Criança tem muita energia pra gastar.

— Entendi, doutor — respondeu o pai com total atenção.

— Entendeu, mãe? — questionou o médico olhando nos olhos de Maria.

— Eu não sei se você entendeu a gravidade. O seu filho a partir de hoje vai usar óculos com um grau relativamente alto para a idade dele, 5 de miopia no direito e 6 de miopia no olho esquerdo. Ele não enxerga nada sem óculos e ainda vai completar 5 anos! Nesses casos, que são cada vez mais frequentes, o que revolta é que poderia ter sido evitado. Pra evitar que esse grau aumente, só usando corretamente os óculos e reduzindo o uso das telas.

— Nossa, doutor! É muito alto esse grau, né? Não sabia que ele estava assim — respondeu o pai alisando os cabelos do filho.

— Sim, não sei como ele não reclamou antes, mas é comum que as tias da escola percebam antes que os pais. Vejo muitos casos como esse.

Doutor Marcolino entregou a sua prescrição médica para Maria e finalizou:

— Fiquem tranquilos! Agora, ele passará por um processo de adaptação. Devemos manter acompanhamento para verificar se o grau aumentará ou ficará estável, e quando ele fizer 18 anos conversamos sobre uma cirurgia refrativa para diminuir esse grau.

O pai pediu que o médico explicasse mais sobre a cirurgia refrativa e, em seguida, saiu do consultório com alguns papéis em direção a uma ótica. Enquanto Maria ajudava Jorginho a escolher os óculos adequados para o seu rosto fino, João estava pesquisando se o convênio de saúde cobria cirurgias refrativas ou exames relativos ao procedimento. O garoto era muito jovem, mas seu pai era um homem que sabia se planejar economicamente e amava os seus filhos incondicionalmente. Ele precisava verificar quais seriam os próximos passos.

-

— Uma irresponsável! Deixar isso acontecer com o menino! Veja o papel que você se presta estando com gente dessa qualidade. Quenga e irresponsável! Não era de se esperar menos.

— Maria, pelo amor de Deus! Eu só trouxe você porque você insistiu. Eu quero paz!

— Quenga! Quenga, feia e preta!

— Maria, eu já disse pra você que a nossa relação só existe por causa de Pedrinho. Quando o menino crescer, você segue a sua vida e eu sigo a minha.

— Tudo por causa daquela quenga! Você era pra estar na nossa casa, com o nosso verdadeiro filho.

— Respeite o menino, ele está aí atrás... Você parece que não tem noção do que fala.

— Uma mulher feia daquela, não sei o que você viu nela... Ainda bem que o menino não nasceu escurinho que nem a raça dela. Graças a Deus! Deus é bom, João! Porque se não fosse a graça d'Ele, não sei o que seria dessa criança.

— “Ainda bem”, né? Porque desse jeito você se passa por mãe dele, que nem fez lá consultório.

— Queria que eu dissesse o que, homem de Deus? Dizer que ele é filho da outra lá?! Eu já te disse... Se você quiser, eu crio esse moleque — respondeu Maria tocando no ombro de João enquanto ele se esquivava.

— Pelo amor de Deus, Maria! Quando me juntei com Januária já não éramos um casal há anos. Você sabe muito bem disso.

— Você é casado comigo sim! Você deveria tirar ela da nossa casa e mandar de volta lá pro buraco de onde ela saiu.

— É só um papel... Eu já disse que não quero mais nada com você, mulher, e se eu tirar esse menino da mãe ela enlouquece. Endoida!

— Se é que ele realmente é seu...

— O menino é minha cara, precisa nem de DNA! Todo mundo diz. Só você que quer tirar a minha paz e vem com esse papinho infeliz.

— Doutor Marcolino discorda, João. Ele achou que Jorge parece comigo. Você viu? Nem desconfiou... — respondeu Maria com um tom irônico e olhar malicioso.

— Outro doido! Que nem você.

— De jeito nenhum, isso prova que poderíamos ser uma família, João. Você sabe, eu toleraria tudo pela família, pela família.

— Maria, pelo amor de Deus...

— João, falando sério agora, qual a procedência que essa mulher tem? Eu respondo: “Pobre, favelada e preta!” Só tem o ensino médio e deve ter sido muito mal tirado, por sinal. Se não foi comprado, amém! Não sei como você tem coragem, meu amor.

Ele não quis responder. Estava cansado daquela conversa repetitiva. Apenas revirou os olhos e respirou profundamente, pois no fundo havia verdades nas palavras de Maria. Ainda que fossem palavras duras, e que ele jamais teria coragem de reproduzir na presença de sua amada Januária, ele não contestou porque também repensava nas suas escolhas.

Maria, que estava sentada no banco de passageiro da frente, olhou para o banco de trás, onde estava Jorginho. Ele estava concentrado, jogando no celular e usando fones de ouvido no volume máximo. Ela observou a criança com atenção, voltou o seu olhar para frente e pensou, satisfeita: “Ele combina mais comigo do que com ela”.